

A INFLUÊNCIA DOS PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS NA ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raquel Maria da Silva Costa Furtado¹

Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, Brasil

Regiane Andrade da Costa²

Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, Brasil

RESUMO

Neste artigo apresentam-se propostas didático-pedagógicas como estratégias de intervenção nos desvios fonéticos e fonológicos presentes na escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais, de uma escola da rede pública municipal de Cametá/PA. A partir da relação entre oralidade e escrita, busca-se contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica e, conseqüentemente, para a redução dos desvios ortográficos relacionados à variação linguística. A pesquisa fundamenta-se teoricamente em Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2007; 2012), Faraco (2008), Dias e Ferreira (2015), Moraes (2003) e Cagliari (1989). O corpus de análise foi constituído por 26 textos escritos, produzidos por uma turma do 6º ano do ensino fundamental, composta por estudantes com faixa etária entre 11 e 13 anos, residentes na cidade, no campo e em ilhas do município de Cametá/PA. Inicialmente, realizou-se uma sondagem nas produções textuais para identificar e analisar os desvios ortográficos de cunho fonético-fonológico mais frequentes; em seguida, destacou-se a importância da observação de tais “erros/desvios” e o trabalho pedagógico sobre eles. A pesquisa configura-se como quanti-qualitativa, de natureza aplicada, descritiva e participativa, com foco em intervenção. Como resultado, verificou-se que os desvios fonéticos e fonológicos mais recorrentes foram: monotongação ([balarina] /bailarina/); apagamento do “r” em final de verbos ([dormi] /dormir/); e o fenômeno da juntura intervocabular ([sisconde] /se esconde/).

Palavras-chave: Desvios ortográficos; Escrita; Variação linguística; Intervenção.

THE INFLUENCE OF PHONETIC-PHONOLOGICAL PROCESSES ON THE WRITING OF 6TH GRADE ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

ABSTRACT

This article presents didactic-pedagogical proposals as intervention strategies for phonetic and phonological deviations found in the writing of 6th grade students in the final years of elementary school at a public municipal school in Cametá/PA. Based on the relationship between orality and writing, the study aims to contribute to the development of phonological awareness and, consequently, to the reduction of orthographic deviations related to linguistic variation. The research is theoretically grounded in Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2007; 2012), Faraco (2008), Dias and Ferreira (2015), Moraes

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Linguística, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Estudos Culturais da Amazônia - UFPA (2006). Graduada em Letras - Língua Portuguesa. É Professora Associada I da Universidade Federal do Pará, atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/CUNTINS) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/CUNTINS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6351-6192>. E-mail: raqmaria@ufpa.br

² Mestranda em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Especialista em Língua Portuguesa e Formação para a Carreira nos Anos Finais do ensino Fundamental - UFPI. Graduada em Licenciatura Plena em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8730-9921>. E-mail: regiandrade116@gmail.com

(2003), and Cagliari (1989). The corpus of analysis consisted of 26 written texts produced by a 6th grade class of elementary school students aged between 11 and 13, residing in the city, countryside, and islands of the municipality of Cametá/PA. Initially, a survey of the textual productions was carried out to identify and analyze the most frequent phonetic-phonological orthographic deviations; subsequently, the importance of observing such “errors/deviations” and addressing them pedagogically was highlighted. The research is characterized as a quanti-qualitative approach, applied, descriptive, and participatory, with an intervention focus. As a result, the most recurrent phonetic and phonological deviations were: monophthongization ([balarina] /bailarina/); deletion of “r” at the end of verbs ([dormi] /dormir/); and the phenomenon of intervocalic juncture ([sisconde] /se esconde/).

Keywords: Orthographic Deviations; Writing; Linguistic Variation; Intervention.

LA INFLUENCIA DE LOS PROCESOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS EN LA ESCRITURA DE LOS ALUMNOS DEL 6º AÑO DE LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN

En este artículo se presentan propuestas didáctico-pedagógicas como estrategias de intervención en los desvíos fonéticos y fonológicos presentes en la escritura de alumnos del 6º año de la educación básica, años finales, de una escuela pública municipal de Cametá/PA. A partir de la relación entre oralidad y escritura, se busca contribuir al desarrollo de la conciencia fonológica y, en consecuencia, a la reducción de los desvíos ortográficos relacionados con la variación lingüística. La investigación se fundamenta teóricamente en Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2007; 2012), Faraco (2008), Dias y Ferreira (2015), Morais (2003) y Cagliari (1989). El corpus de análisis estuvo constituido por 26 textos escritos, producidos por un grupo de alumnos del 6º año de la educación básica con edades entre 11 y 13 años, residentes en la ciudad, el campo y las islas del municipio de Cametá/PA. En un primer momento, se realizó una indagación en las producciones textuales para identificar y analizar los desvíos ortográficos de carácter fonético-fonológico más frecuentes; posteriormente, se destacó la importancia de la observación de tales “errores/desvíos” y su abordaje pedagógico. La investigación se configura como un enfoque cuantitativo, de naturaleza aplicada, descriptiva y participativa, con foco en la intervención. Como resultado, se verificó que los desvíos fonéticos y fonológicos más recurrentes fueron: monotongación ([balarina] /bailarina/); supresión de la “r” al final de los verbos ([dormi] /dormir/); y el fenómeno de la junctura intervocalar ([sisconde] /se esconde/).

Palabras clave: Desvíos ortográficos; Escritura; Variación lingüística; Intervención.

INTRODUÇÃO

Ainda se observa, em muitos contextos escolares, apesar dos avanços nas reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa e do desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, a prevalência de modelos de educação linguística fortemente pautados na valorização exclusiva da norma-padrão. Esse paradigma, embora questionado por diversas pesquisas (Silva; Carneiro, 2017), ainda sustenta métodos tradicionais que permanecem fortemente vinculados às práticas de caráter mecânico, voltadas para uma concepção de língua abstrata e idealizada, expressa em estratégias didáticas como cópias, cartilhas e ditados de palavras isoladas. Em contraste, uma abordagem que valorize o uso da língua em situações reais de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita, mostra-se mais eficaz. A permanência do ensino

mecanizado, no entanto, contribui para que muitos alunos ainda apresentem dificuldades no domínio da escrita formal.

A partir disso, esta pesquisa tem como propósito contribuir para o aprofundamento das discussões acerca da distinção entre fala/som (fonema) e letra/escrita (grafema), em consonância com a norma ortográfica vigente. O foco deste estudo está na identificação e análise dos traços fonéticos-fonológicos presentes na escrita dos alunos, como a monotongação, síncope, apagamento do /r/ final do verbo infinitivo, junta intervocabular entre outros. Esses fenômenos refletem a transposição da oralidade para a escrita e revelam marcas da identidade linguística dos estudantes. Torna-se relevante, para o âmbito do ensino da Língua Portuguesa, compreender como os segmentos sonoros da língua se manifestam na escrita dos alunos e, a partir disso, fomentar a habilidade de refletir sobre essas relações, isto é, o desenvolvimento de sua consciência fonológica. Isso se justifica pelo fato de que o aluno ao ingressar no ambiente escolar, já possui o domínio da fala. No entanto, ao se deparar com a escrita formal, variante que ainda não domina, acaba transpondo para o texto traços da própria fala.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2005, p. 54) aponta que tais desvios ortográficos são “erros derivados da transposição do hábito da fala para a escrita”, ou seja, refletem a oralidade do aluno. O aluno, por já dominar sua linguagem materna, mantém na escrita aspectos linguísticos e culturais de sua comunidade. Diante dessas observações, algumas inquietações geraram a elaboração deste trabalho, como: Há desvios ortográficos de natureza fonético-fonológica nas produções textuais de alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais? De que forma esses desvios ortográficos estabelecem relação com a oralidade? A presença desses desvios nas produções textuais dos alunos é oriunda da interferência da modalidade oral na escrita ou das regras arbitrárias ortográficas?

Para alcançar os objetivos deste trabalho, este estudo tem como objetivo principal identificar e analisar os desvios fonéticos-fonológicos presentes na escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais, a partir da integração entre oralidade e escrita. Como objetivos específicos:

- i) identificar os desvios ortográficos de cunho fonético-fonológico presentes nas produções textuais dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais;
- ii) Quantificar, descrever e analisar os desvios ortográficos mais frequentes de cunho fonético-fonológicos na escrita dos alunos;
- iii) Analisar se os desvios ortográficos encontrados nos textos dos alunos são decorrentes da arbitrariedade da escrita;
- iv) Relacionar os desvios encontrados à oralidade e à variação linguística.

Este estudo surgiu e se fortaleceu a partir de práticas extensionistas, por meio das quais foi possível conectar a pesquisa acadêmica à realidade educacional, envolvendo ativamente os participantes no processo de diagnóstico e implementação das ações. Por essa razão, caracteriza-se como uma pesquisa de natureza participativa.

O corpus para análise dos dados foi constituído por 26 textos do gênero textual “redação escolar” produzidos por uma turma do 6º Ano do ensino fundamental, composta por estudantes com faixa etária entre 11 e 13 anos, residentes na sede, no campo e em localidades ribeirinhas do município de Cametá/PA.

O interesse pela pesquisa decorre da importância de mostrar que as variantes linguísticas convivem entre si, inclusive no contexto escolar, com bastante frequência. Tais diferenças, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), se situam “entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada pela escola”. Portanto, um estudo que exponha as marcas da identidade linguística do aluno e uma concepção de língua como diversidade cultural pode trazer contribuições expressivas para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Logo, o intuito aqui não é apontar “erros/desvios ortográficos”, mas sim contribuir para o (re)conhecimento da diversidade linguística e das práticas de ensino de língua portuguesa, fornecendo dados empíricos e sugestões metodológicas para o professor em sala de aula.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, sob o parecer nº 8.327.012 e CAAE 95610826.2.0000.0018, atendendo às diretrizes da Resolução nº 466/12 do CNS/MS.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É por meio da fala que nossa identidade cultural e regional é revelada para o outro. São as gírias ou os sotaques trocados e uma roda de conversa entre indivíduos de regiões, culturas ou idades diversificadas que permitem a percepção da variedade de formas que a Língua Portuguesa apresenta.

No Brasil, a diversidade linguística é vasta, por questão da nacionalidade cultural (Hall, 2006), pois apresenta diferentes traços vernaculares e expressões variadas que refletem a riqueza da nossa cultura brasileira. Porém, essa pluralidade deve ser considerada na escola, haja vista que, a norma-padrão, variedade linguística de prestígio, é colocada como a única forma ‘correta’ de falar e escrever adequadamente, enquanto a diversidade da variação linguística é apresentada de forma folclorizada ou estereotipada nos livros didáticos (Faraco, 2015).

A norma-padrão não é um modo de falar, mas apenas um modelo de língua ideal para a escrita (Bagno, 2012). Isso porque, não aceita nenhum tipo de variedade linguística como legítima da comunicação e, por se constituir como um arquétipo voltado a inúmeros compêndios e regras gramaticais, acaba não sendo utilizada pelos usuários falantes.

É importante salientar que, como consequência do surgimento constante de variações linguísticas no português, surgiu a necessidade de criar uma padronização da língua, um conjunto de normas e regras que pudessem ser utilizados, idealmente, acima de qualquer outra variação. Essa padronização visava unificar a linguagem e garantir uma forma de representatividade. Segundo Bagno (2012, p. 25):

A norma-padrão não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro. Por ser uma forma ideal, no sentido platônico do termo, a norma-padrão não pertence ao

mundo dos fenômenos, mas exclusivamente ao mundo das ideias, sendo, portanto, um ser de razão.

Pode-se dizer que a norma-padrão é a forma de linguagem vinculada à escrita; é o ideal a ser seguido. Porém, é uma linguagem que, em geral, não é plenamente dominada pelo usuário, por ser exclusivamente artificial – com exceção a elite altamente letrada e conservadora (Faraco, 2008) – mas um grupo restrito. Por esse motivo, a norma-padrão é mais voltada para escrita, uma vez que está descrita em inúmeros compêndios gramaticais, ou seja, é uma língua estruturada com regras específicas que muitas vezes não são entendidas pelo falante, e, por isso, acabam não sendo praticadas.

Vimos que, por ser uma linguagem complexa e idealizada, a norma-padrão apresenta dificuldades de domínio pelos falantes, o que favorece o surgimento de variantes, como a norma culta. A norma culta se tornou uma variante de prestígio da língua falada, utilizada pelas classes dominantes, pessoas escolarizadas que empregam o uso em contextos formais, por ser a mais próxima da norma-padrão. Seguindo essa linha, Faraco (2008) nos orienta a classificar a norma culta como uma variedade de uso corrente, ou seja, como qualquer outra, e não como um modelo absoluto.

Nesse sentido, a norma culta se torna mais utilizada por permitir as ocorrências de desvios gramaticais do falante. No entanto, não utilizamos essa norma para escrever. Mesmo que seja considerada formal, para uma escrita concisa o usuário deverá seguir a norma-padrão do português, de acordo com o contexto em que aquela escrita será inserida.

É importante ressaltar que, durante muito tempo, os estudos gramaticais seguiram uma longa tradição pautada na “crença de uma unidade linguística ideal” (Bagno, 2007). Esse pressuposto reflete a forma como a escola, tradicionalmente, emprega a norma-padrão, não reconhecendo a diversidade da linguagem do aluno e reforçando a ideia de que existe apenas uma forma correta de uso. Como alerta Bagno (2007, p. 15):

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

A discussão sobre esse mito nos leva diretamente ao conceito de Variação Linguística, entendida como os diferentes modos de falar uma mesma língua (Bortoni-Ricardo, 2004). Essas diferenças decorrem de fatores sociais e históricas que marcaram a evolução da sociedade. Por isso, uma mesma língua pode ser falada de diferentes maneiras em diferentes regiões de um mesmo país, como ocorre no Brasil.

Embora a língua oficial brasileira seja o Português, os usuários desse idioma, não falam de maneira uniforme. As formas de expressões variam, mas na maioria das vezes mantêm o mesmo significado. Nesse contexto, Faraco (2008, p. 42-43) observa,

Os diferentes grupos sociais se distinguem, portanto, pelas formas de língua que lhes são de uso próprio. Assim, numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras norma linguísticas, como por exemplo, normas características de comunidade rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos, normas características de população das periferias urbanas, e assim por diante.

Isso se dá pelo fato de existirem tipos de variações linguísticas, principalmente relacionadas aos aspectos culturais e sociais do falante, como por exemplo, pessoas que moram em regiões diferentes tendem a falar de formas distintas, chamamos isso de variação linguística diatópica. Um caso ilustrativo é o do Pará, onde o *pão de massa* é conhecido como “pão-careca”, e enquanto em outras regiões, como no Ceará, ele recebe o nome de “carioquinha”. Nesse sentido, podemos observar como essas variações revelam as marcas regionais que moldam os diferentes modos de falar da sociedade cultural brasileira, e compreender isso é fundamental para uma educação mais rica e inclusiva (Bortoni-Ricardo, 2004).

Consciência fonológica

Para Bagno (2007) é comum os alunos, principalmente no processo de alfabetização, relacionar símbolos gráficos (letras) a fonemas (sons), pois se ancoram na oralidade como suporte de referência, visto que o primeiro contato da criança com a língua é permeado pela fala. Consequentemente, ao estabelecer relação contínua com a escrita, por meio da escola, a criança tenderá a escrever de forma analógica à

linguagem oral, pelo fato de não ter ou ter pouco domínio do sistema que rege a escrita. Nessa perspectiva, Bagno (2007, p. 126) afirma que,

Uma pessoa com poucos anos de escolarização, pouco habituada à prática da leitura e da escrita, tendo como quadro de referência apenas uma suposta equivalência unívoca entre som e letra, fará uma análise dotada de reduzido instrumental teórico, empregando como ferramenta básica a analogia.

Diante disso, torna-se essencial a abordagem e o desenvolvimento da consciência fonológica durante, e até mesmo após, o processo de alfabetização para que o aluno reconheça a representação fonológica dos sons e a sua correspondência gráfica. Ele precisa ser estimulado a desenvolver habilidades metafonológicas, a fim de perceber e manipular os sons da sua própria língua materna. E uma das práticas eficazes para desenvolver essa habilidade é o trabalho por meio de rimas e aliterações, método fundamental para a distinção entre som (fonema) e grafema (letra) que discerne fonologicamente palavras de sílabas e de grafemas.

A consciência fonológica refere-se tanto ao reconhecimento de que a fala pode ser segmentada em partes menores, quanto de que essas partes constituem palavras, sílabas e fonemas. Essa percepção precisa ser desenvolvida em sala de aula, pois os alunos devem ter a capacidade de manipular essas unidades sonoras, como nas rimas, troca de sons dentro de palavras, entre outros (Capovilla; Capovilla, 2000b). Nesse sentido, estudos recentes também apontam que estratégias didáticas podem ser utilizadas para estimular tais habilidades. Bandeira e Dantas (2021, p. 146) analisaram o uso de jogos didáticos para avaliação diagnóstica dos níveis e habilidades de consciência fonológica em turmas de alfabetização, observando como os estudantes recorriam à silabação oral para identificar sílabas iniciais e finais de palavras representadas por figuras, ampliando o vocabulário e desenvolvendo a consciência silábica. Nesse contexto, as autoras afirmam que:

As ocorrências descritas durante o jogo *Dado Sonoro* enfatizam a afirmativa de Gombet (2013) que é a partir da progressiva tomada de consciência que as habilidades epilinguísticas se transformam em capacidade metalinguísticas.

Entre os recursos aplicados destacam-se os jogos *Dado Sonoro* (Brandão et al., 2009) e *Passo a Passo* (Brasil, 2011), que se mostraram eficazes para estimular habilidades

como rimas e aliterações, além de favorecer a ampliação do vocabulário. Essas práticas demonstram que os estudantes vão gradativamente percebendo que as palavras são constituídas de pedaços sonoros menores e que estes podem formar outras palavras, reforçando a importância da consciência silábica no processo de alfabetização.

Todavia, para além da consciência silábica, há um desafio ainda maior enfrentado pelos alfabetizadores: o desenvolvimento da consciência fonêmica, visto que é mais simples ensinar para uma criança a quantidade de sílabas de uma palavra do que a grafia que representa o seu primeiro som. As sílabas permitem representar sons maiores ao serem pronunciadas, e essa assimilação ocorre naturalmente. Porém, ensinar sons individuais é mais complexo, pois isso não ocorre de forma natural, seja por serem sons pequenos, seja por se aglutinarem com outros ao falarmos.

Assim, podemos entender que a consciência fonológica é a capacidade de perceber os sons da fala e de manipulá-los. Ou seja, a linguagem oral é formada por várias estruturas fonéticas, como palavras, sílabas e fonemas. Trabalhar a consciência fonológica em sala de aula é, portanto, um dos principais passos para a alfabetização, afinal, ao compreender que a linguagem oral é formada por sons, torna-se possível reconhecer a necessidade de representá-los por meio da escrita.

Segundo Firth (1985), existem três estratégias básicas para o ensino da leitura. A primeira é a estratégia logográfica, que permite a representação de símbolos e caracteres como representantes de palavras, sem necessariamente dominar o conhecimento da leitura. Ou seja, quando a criança identifica um logotipo de uma marca sem saber ler por meio de esquemas ‘idiossincráticos’.

A segunda é a estratégia alfabética, que envolve a análise de letras e seus fonemas a partir da codificação e da decodificação. Ou seja, trata-se das regras de correspondência grafofonêmicas. Por exemplo, o aluno consegue perceber que o grafema ‘p’ tem som de /p/ nas palavras *paz* e *capa* e que o “s” tem som de /z/ na palavra *casa*, ou seja, são casos de correspondência grafofonêmicas previsíveis, dependendo do contexto da palavra. Mas há casos também de correspondência imprevisível, como na palavra *táxi*, em que o grafema ‘x’ tem som de /kis/.

Por fim, temos a estratégia ortográfica, desenvolvida a partir do momento em que a leitura é mais dominada. A criança passa a reconhecer partes das palavras sem precisar da conversão fonológica letra por letra; ou seja, ela pode identificar a sílaba “ção” sem precisar codificá-la, pois já conhece o som que essa sequência possui.

Com base nessas três estratégias apresentadas por Firth (1985), podemos identificar que, no processo de alfabetização, o trabalho da consciência fonológica permite o desenvolvimento tanto de habilidades auditivas quanto visuais. Inicialmente, a criança aprende a reconhecer os símbolos visuais; após isso, passa a codificar e decodificar as letras, agrupar sílabas e, por fim, formar palavras. Todo esse processo contribui para que ela alcance um nível avançado de leitura automática.

Desvios fonéticos e fonológicos

É importante atentarmos para alguns aspectos relacionados aos desvios fonético-fonológicos. Antes de aprofundarmos essa discussão, é importante entendermos como esses desvios se relacionam com a arbitrariedade do sistema da escrita. Dias e Ferreira (2015, p. 169), ao analisarem os desvios ortográficos na escrita, estabelecem essa problemática com base no questionamento central: “são projeções fonético-fonológicas ou consequências do sistema ortográfico?”. Tal questionamento fundamenta-se nas abordagens teóricas de diversos autores, como Cagliari (1989, p. 35), que ajuda na reflexão sobre essa questão, ao destacar que, anterior a qualquer análise, é preciso compreender que:

Um aluno que nunca conviveu com livros, leitura e escrita, que fala um dialeto diferente do da escola, está muito mais afastado da forma escrita ortográfica. Diz *craro* e *pratu*, mas tem de escrever *claro* e *prato*, diz “*nóis vai*” e tem de escrever “*nós vamos*” etc, e encontrará muito mais dificuldades na alfabetização.

Diante do exposto pelo autor, aliado a essas considerações, podemos afirmar que há desvios ortográficos motivados pela transposição de traços fonético-fonológicos da fala para a escrita. Isso ocorre porque, no processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita, a criança ainda não possui discernimento suficiente para diferenciar claramente letra de som. Essa dificuldade advém, sobretudo, em função do

desconhecimento das diferenças e das relações entre o sistema alfabético-ortográfico e o fonológico. Por esse motivo, a criança acaba generalizando os sons na tentativa de representá-los graficamente. Além disso, a língua materna, trazida do seu cotidiano social e familiar, difere significativamente daquela ensinada nos primeiros anos escolares, com regras rígidas, grafias normativas e sons semelhantes que podem parecer confusos ou até sem sentido na sua realidade linguística.

E para diferenciar letra de som é importante recorrer-se a técnicas visuais e auditivas que auxiliam os alunos nessas diferenciações. Para a fonologia a alteração na fala ou na pronúncia é entendida como uma dificuldade linguística específica, devido à dificuldade da criança em compreender os traços distintivos dos fonemas. Por exemplo, é o que ocorre com o emprego do grafema <x>, ao compararmos as palavras xícara e exata observamos que possuem a mesma grafia, mas sons diferentes em contextos vocabulares distintos.

Nesse sentido, quando o aluno não possui o domínio do repertório linguístico e semiótico necessário da palavra, bem como dos motivos etimológicos que levam a mesma grafia possuir sons diferentes em palavras distintas, dependendo do contexto em que são empregadas, terá mais dificuldade para escrever de acordo com as regras da escrita. Nesse mesmo sentido, Dias e Ferreira (2015, p. 172) destacam:

Os aspectos ortográficos irregulares não podem ser explicados através de regras, foram assim canonizadas em virtude da etimologia da palavra ou porque ao longo da história determinada “tradição de uso” se tornou convencional, como é o caso do emprego dos grafemas <g> e <j>. Para o aluno registrar em seu léxico a ortografia de palavras irregulares é importante que estas façam parte da rotina deles, a fim de a memorização ocorrer de forma mais fácil, menos sofrível.

As regularidades e irregularidades do sistema arbitrário da língua portuguesa, por se tratar de um sistema arbitrário, provocam a ocorrência de desvios ortográficos. Isso acontece porque muitos alunos não reconhecem ou estranham grafias que não fazem parte de seu convívio social e familiar. Por esse motivo, acabam escrevendo da mesma forma que falam.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2005) apresenta algumas categorias para análise desses desvios, considerando que esses “erros”, em especial os ortográficos,

podem ser sistematizados e até mesmo previsíveis quando se tem conhecimento dos dialetos:

Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita; Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado,

Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais

Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 54).

Com base nessas categorias, observa-se que a convenção de escrita é um dos únicos aspectos que não está diretamente relacionado à fala, uma vez que foi classificada pela autora como erros resultantes do conhecimento insuficiente das convenções que regem a língua escrita. Ou seja, decorre do pouco domínio da norma padrão ensinada na disciplina de Língua Portuguesa.

Nesse contexto, é recorrente a presença de erros ortográficos, como trocas de consoantes, escrita inadequada de palavra e uso incorreto da pontuação, além de problemas na estrutura gramatical, como ausência de concordância, coerência, análise morfológica e sintática, entre outros. Nesse sentido, a convenção da escrita pode ser um dos fatores que possibilita a ocorrência dos desvios ortográficos na produção escrita dos alunos.

Além disso, Bortoni-Ricardo (2005) destaca que tais desvios podem estar relacionados a outros fenômenos linguísticos. Entre as categorias apontadas pela autora, incluem-se a transposição recorrente de hábitos da fala para escrita, a presença de variantes fonético-fonológicos da língua culta, e os desvios decorrentes de alterações ou supressões de morfemas flexionais, aspecto que interferem nos padrões de concordância que regem a norma da língua padrão. Para exemplificar, a autora destaca exemplos como a supressão do sufixo número-pessoal de terceira pessoa do plural nos verbos e a ausência de concordâncias nos sintagmas nominais, fenômenos que demonstram a influência da oralidade na escrita.

É importante destacar que o objeto de análise deste estudo volta-se apenas para as motivações fonético-fonológicas dos desvios ortográficos. No entanto, torna-se

pertinente a menção à arbitrariedade do sistema ortográfico, pois ambas as motivações, fonológica e arbitrária, interferem no processo de escrita do aluno.

A partir dos estudos apresentados, categorizamos os desvios ortográficos por meio dos traços fonético-fonológicos e da *arbitrariedade* do sistema de escrita da língua portuguesa. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, essas duas caracterizações como motivações para os desvios observados na escrita dos alunos, pautando-nos nos estudos de Dias e Ferreira (2015) e nos pressupostos teóricos de Cagliari (1989), Carracher (1990) e Zorzi (1997), no que refere a projeções fonético-fonológico ou consequências do sistema ortográfico. Com base em Reis e Dias (2006) e Bortoni-Ricardo (2004), destacamos alguns dos fenômenos fonológicos comuns aos desvios ortográficos:

- *supressão* – omissão de um fonema do vocábulo da palavra;
- *permuta* – transformação ou troca de um fonema pelo outro; e
- *aumento* – inserção fonética de um fonema no vocábulo.

METODOLOGIA

Este estudo ampara-se em uma abordagem de análise quanti-qualitativa, pois, além de quantificar os desvios ortográficos observados nos textos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, também se propõe a caracterizá-los, com âncora teórica em Bortoni-Ricardo (2004, 2006), Cagliari (1989), Reis e Dias (2006) e entre outros.

Para Gil (2006), a pesquisa qualitativa considera a relação entre o mundo real e o sujeito, sendo o ambiente natural fonte direta para a coleta de dados, isto é, o contato com o local pesquisado, em condições naturais nos quais os fenômenos observados ocorrem. Já a pesquisa quantitativa considera o contável, ou seja, traduz em números as opiniões e as informações para classificá-las e analisá-las.

Portanto, ao atrelar duas abordagens de análise, esta pesquisa combina a análise quantitativa, que permite identificar e estimar a recorrência e os tipos desses desvios, com a análise qualitativa, que busca os fatores subjacentes que originam esses desvios, explorando as nuances dos fenômenos fonológicos que os sustentam. Logo, pretende-se mergulhar a fundo nas causas e efeitos dos desvios que emergem no processo de

alfabetização, evidenciando tanto sua frequência quanto os aspectos linguísticos e cognitivos que os explicam.

A abordagem qualitativa torna possível responder a tais inquietações, pois possibilita investigar as razões implícitas aos desvios, as estratégias cognitivas utilizadas pelos alunos, a influências da oralidade na escrita e as particularidades dos fenômenos fonéticos e fonológicos, como a juntura intervocabular, síncope, monotongação entre outros. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, pois busca identificar e analisar os desvios ortográficos de natureza fonética-fonológica presentes na escrita dos alunos. Caracteriza-se, ainda, como de natureza aplicada, uma vez que se fundamenta na realidade concreta de uma escola pública municipal de Cametá-PA e procura oferecer subsídios para a prática pedagógica.

Além disso, configura-se como uma pesquisa participativa, pois envolve diretamente os sujeitos no processo de produção e análise dos dados, e de intervenção, na medida em que não se limita à mera coleta de dados, mas busca problematizar os desvios encontrados, reconhecendo a diversidade linguística como parte autêntica da língua do aluno.

O corpus foi constituído por 26 textos do gênero textual “redação escolar”, produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Cametá/PA, com faixa etária entre 11 e 13 anos, residentes em áreas urbanas, rurais e ribeirinhas. A coleta ocorreu em contexto escolar, durante atividades regulares em sala de aula de produção textual. Para a coleta e análise dos dados, foram seguidas algumas etapas, a saber:

Quadro 1: Etapas para a coleta, tratamento e análise dos dados

Etapas	Atividades
Ambientação e participação	- Ambientação e participação nas aulas de Língua Portuguesa para o estreitamento das relações entre alunos e professora-pesquisadora. - Aplicação de questionário sociocultural para levantamento da realidade social, econômica e linguística dos estudantes. - Desenvolvimento e aplicação de atividades didático-pedagógicas com foco em leitura, escrita e oralidade, com o intuito de constituir o <i>corpus</i> para a análise dos dados.
A análise linguística dos desvios	- Seleção das produções textuais que apresentaram desvios ortográficos. - Identificação e categorização dos principais e mais frequentes desvios ortográficos com base em fenômenos fonológicos: dissimilação, monotongação, síncope, entre outros. - Tratamento dos dados para análise quanti-qualitativa.

Fonte: Autoras (2025)

ANÁLISES E RESULTADOS

A análise das 26 redações escolares produzidas pelos alunos do 6º ano revelou a ocorrência frequente de desvios fonético-fonológicos relacionados à influência da oralidade e da variação linguística local. Entre os processos mais recorrentes, destacaram-se: monotongação, apagamento do /r/ em posição final, síncope, alteamento vocálico e juntura intervocabular.

Tabela 1 – Caracterização dos desvios ortográficos de cunho fonético-fonológico extraídos dos textos dos alunos do 6º ano.

Tipificação	Ocorrências	Quantidade de desvios
Aférese	[tava] /estava/ [sobiando] /assobiando/	5
Alteamento Vocálico	[disistio] /desistiu; [humém] /homens; [minino] /menino/;	14
Apagamento de /r/ em final de verbo no infinitivo	[compra] /cuidar/ [fecha] /fechar/ [abri] /abrir/;	17
Apócope	[interio] /interior/ [norma] /normal/ [torno] /tornou/;	13
Assimilação	[onesto] /honesto/ [serto] /certo/;	10

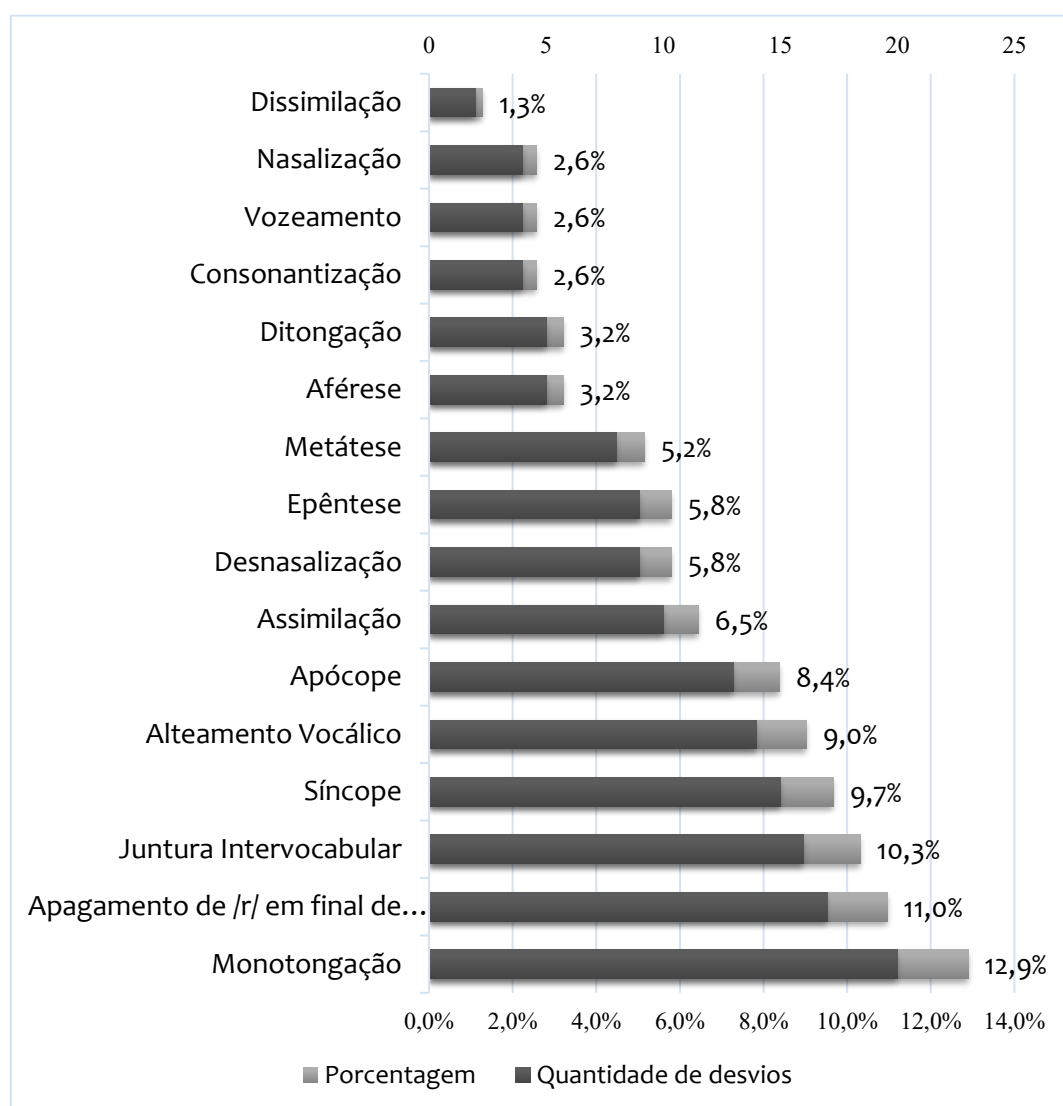
Consonantização	[Dormil] /dormiu; [debutol] /debutou/ [ouvil] /ouviu/	4
Desnasalização	[niguem] /ninguém/; [poços] /poções/; [tabem] /também/;	9
Dissimilação	[enpreseonado] /impressionado/; [eli] /ele/	2
Ditongação	[vez] /vez/; [mais] /mas/; [vouto] /volto/;	5
Epêntese	[pobre] /pobre/; [torda] /toda/; [hornestidade] /honestidade/;	9
Juntura Intervocabular	[tabom] /tá bom/; [sisconde] /se esconde/; [derepente] /de repente/;	16
Metátese	[pastou] /pastor/; [peserguindo] /perseguido/;	8
Monotongação	[balarina] /bailarina/; [encontro] /encontrou/; [acho] /achou/	20
Nasalização	[inguinorante] /ignorante/; [bão] /boa/;	4
Síncope	[desgatados] /desgastados/; [convesou] /conversou/; [tranforma] /transforma/;	15
Vozeamento	[vas] /fez/; [vica] /ficou/; [lobizomi] /lobisomem/;	4
Variantes: 16	Total de textos: 26	Total: 155

Fonte: Autoras (2025)

Esses desvios identificados na escrita refletem marcas identitárias dos alunos e confirmam que a escrita escolar é permeada pela oralidade, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental, anos finais, como se revelou na turma do 6º ano analisada. Bortoni-Ricardo (2005) enfatiza que tais desvios não devem ser vistos como simples falhas, mas como marcas da transposição do hábito da fala para a escrita.

A análise das redações escolares mostrou que o fenômeno da monotongação foi o desvio fonético-fonológico mais recorrente no corpus em análise, com 16 ocorrências, seguido do apagamento do /r/ em posição final de verbos no infinitivo, da síncope e do alteamento vocálico. Como mostrado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Frequência dos desvios ortográficos nas produções textuais dos alunos



Fonte: Autoras (2025)

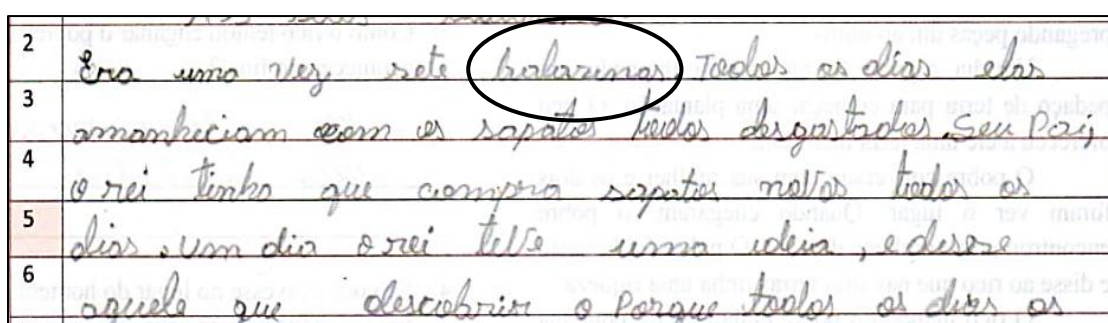
Com base nos percentuais expostos no gráfico 1, acima, observa-se que a principal dificuldade na escrita dos alunos advém da monotongação, por meio da simplificação dos ditongos, reproduzindo padrões da oralidade, em especialmente do contexto local de fala em análise, conforme atestou Barros (2025), em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A influência dos processos fonológicos na escrita dos alunos do 6º ano da escola municipal do ensino fundamental Deocleciana Pereira de Araújo Abaetetuba/PA”. O autor coletou os dados para análise por meio de diferentes procedimentos: atividades lúdicas, com uso de desenhos, em que o aluno escrevia o

nome do objeto apresentado; atividades epilinguísticas, por meio de transcrição de letra de músicas; e atividades metalinguísticas, como a produção textual.

Os resultados apresentaram que a monotongação ocorreu significativamente em todas as atividades: foi a segunda maior concorrência nas atividades lúdicas e epilinguísticas e a mais frequente na produção textual. Casos como a escrita do substantivo abstrato [bejo] em lugar de /beijo/ constituem exemplos recorrentes, confirmando que a monotongação decorre do apagamento da vogal /i/ e da consequente transformação do ditongo em monotongo. Sabe-se que a monotongação é um processo fonológico que ocorre quando um ditongo é reduzido a uma vogal simples. A semivogal é apagada e a vogal com o som de maior intensidade sonora prevalece. Esse fenômeno afeta diretamente o núcleo da sílaba, isto é, o ponto de maior sonoridade na sílaba, segundo Bisol (2001), como em palavras como “peixe” para “pexe” e “caixa” para “caxa”.

Dos 155 dados analisados, 12,9% das ocorrências identificadas foram de redução vocálica, conforme no recorte apresentado, na figura abaixo, desse fenômeno na palavra bailarina, grafada como *balarina*, realizando a monotongação do ditongo decrescente /ai/, observado na Figura 1 da aluna 266AF:

Figura 1 – Presença da monotongação na Produção textual do 6º Ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Aluna³: 266AF.

Como aponta Bisol (2001), os ditongos decrescentes são mais suscetíveis a monotongação, pois o *glide* (semivogal), ao ocupar a coda, torna-se mais suscetível a

³ 266AF- “26” é a ordem alfabética na frequência. “6” é a série escolar, 6º Ano. “A” é a identificação da turma, 6º Ano A manhã. “F” é a identificação do sexo da aluna (feminino).

ocorrência de apagamento, logo, na fala eles não se destacam tanto foneticamente, por esse motivo acabam sendo suprimidos.

O apagamento do fonema /r/ em final de vocábulos pertencentes à classe de palavras dos verbos foi o segundo fenômeno mais recorrente nas produções textuais, correspondendo a 11,0% das ocorrências. Observa-se que os alunos suprimiam o fonema /r/ do final da palavra sempre que havia um verbo nessa posição. Esse *apagamento do “r”* em verbos no infinitivo ocorreu em casos como no trecho do apresentado na Figura 2, da aluna 146AM, conforme segue:

Figura 2 - Produção textual do 6º Ano do Ensino fundamental.

4	de madrugada escuto outro barulho e desma
5	fiz ele foi ver antes de <u>dormir</u> mas quando
6	ele chegou lá ele sentiu um ar de e não
7	encontra nada ele foi dormir outra vez escuto

Fonte: Aluno: 146AM⁴

Salienta-se que, ao deixar de grafar a consoante “r” final nos verbos no infinitivo, o aluno comete um desvio ortográfico, pois rompe com a relação convencional entre grafema e fonema de natureza morfológica. Esse tipo de desvio é de caráter estrutural, já que afeta a categoria gramatical dos verbos no infinitivo, cuja terminação em “r” final é comumente omitida. Trata-se, ainda, de uma marca evidente da interferência da oralidade na escrita, típica da variedade do português do brasileiro.

Destaca-se, também, o fenômeno da apócope, sexta ocorrência mais frequente entre os desvios observados, com cerca de 8,4% dos casos identificados, como mostra o Gráfico 01. A apócope do morfema e do fonema que marcam a forma plena dos verbos no infinitivo específica um traço fortemente associado à oralidade, caracterizado pela não realização do fonema /r/ em determinadas variedades linguísticas do PB.

Na região Norte do país, estudos sobre variação linguística mostram, conforme Cursino (2021), em seu estudo “O apagamento do rótico em posição de coda silábica na escrita escolar”, a recorrência desse fenômeno, em especial no que se refere a não

⁴ 146AM - “14” é a ordem alfabética na frequência. “6” é a série escolar, 6º Ano. “A” é a identificação da turma, 6º Ano A manhã. “M” é a identificação do sexo do aluno (Masculino).

pronúncia do “r” final em verbos no infinitivo. Em sua análise de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da cidade de Ananindeua-PA, a autora comparou diferentes classes de palavras, constatando que os verbos favorecem significativamente o apagamento do /r/, sobretudo nas locuções verbais, como nos exemplos que apresenta: “vão recebe o trono” e “está na hora de fazer alguma coisa”. O mesmo padrão foi observado nos textos analisados neste estudo: “[...] ela correu e foi **chama** a mãe dela [...]” (136AF) e “[...] ele foi na rua **joga** ovos nas pessoas [...]”⁵ (216AM).

Esses resultados confirmam que, na variedade linguística paraense, a oralidade interfere diretamente na escrita escolar, reforçando que o apagamento do /r/ é mais frequente na forma infinitiva dos verbos do que em outras classes de palavras. Assim, observa-se a presença significativa dessa variante nos textos analisados neste estudo, configurando-se com a segunda mais ocorrência.

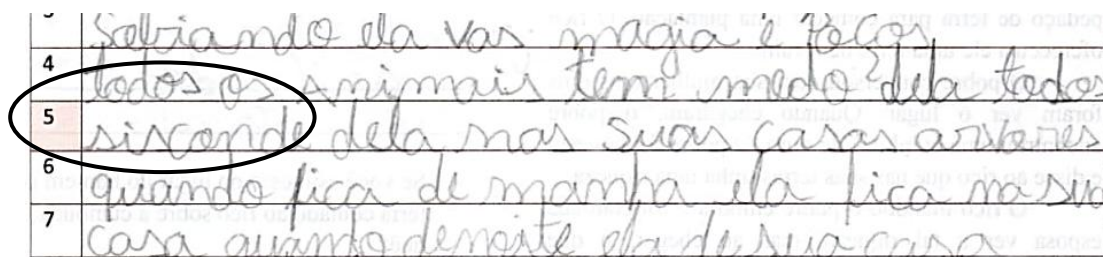
Desse modo, esse fenômeno revela como a fala influencia diretamente a escrita, pois, muitas vezes, em processo de escolarização, o aluno tende a grafar da mesma forma que produz na oralidade uma dada sequência sonora. Isso decorre porque sua consciência fonológica tal qual seu domínio das convenções ortográficas ainda está em desenvolvimento, o que contribui para essa transposição dos traços da fala para a escrita.

O terceiro fenômeno mais frequente atestado na escrita dos alunos do 6º ano é o da junção intervocabular. Esse fenômeno correspondeu, aproximadamente 10,3% das ocorrências analisadas. Cagliari (1989) categoriza a junção intervocabular como a junção de duas palavras, formando apenas uma. Esse fenômeno observado na escrita pode decorrer, na maioria das vezes, da dificuldade dos alunos em delimitar a fronteira prosódica entre os vocábulos. Como, na oralidade, não há essa separação vocabular explícita, mas sim uma pauta acentual (padrões fonológicos), os alunos apresentam dificuldades no reconhecimento da pauta acentual dos vocábulos morfológicos (padrões morfológicos). Isso ocasiona a construção de sintagmas nominais na escrita sem a devida fronteira acentual que separa entre **si** as palavras.

⁵ Mantivemos a escrita original dos alunos.

Portanto, para Cagliari (1989), no processo de aquisição da escrita, essa junção intervocabular reflete os critérios que o falante utiliza na fala. Notamos a ocorrência da junção intervocabular em *sisconde*, no trecho exposto na Figura 3.

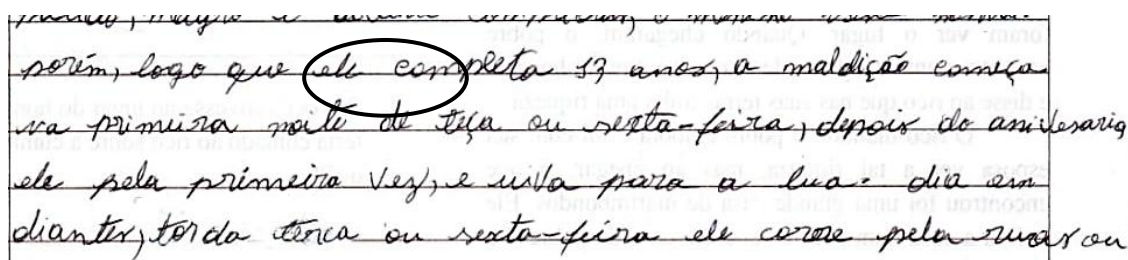
Figura 3 - Produção textual do 6º Ano do Ensino fundamental



Fonte: Aluno⁶: 56AM.

A quarta maior ocorrência, deu-se por meio do processo da síncope, isto é, desaparecimento de uma consoante ou vogal no interior do vocábulo. Esse fenômeno correspondeu a 9,7% dos desvios analisados e ocorreu em casos como no trecho da Figura 4 que segue:

Figura 4 - Produção textual do 6º Ano do Ensino fundamental



Fonte: Aluna⁷: 106AF.

Segundo Gomes (2011), a síncope opera como um fator de diferenciação diastrática, pois distingue as variedades de prestígio, menos propensas à omissão da vogal postônica, das variedades populares, que apresentam maior regularização prosódica, aproximando as proparoxítonas de paroxítonas. Essas regularizações

⁶ 56AM- "5" é a ordem alfabética na frequência. "6" é a série escolar, 6º Ano. "A" é a identificação da turma, 6º Ano A manhã. "M" é a identificação do sexo do aluno (masculino).

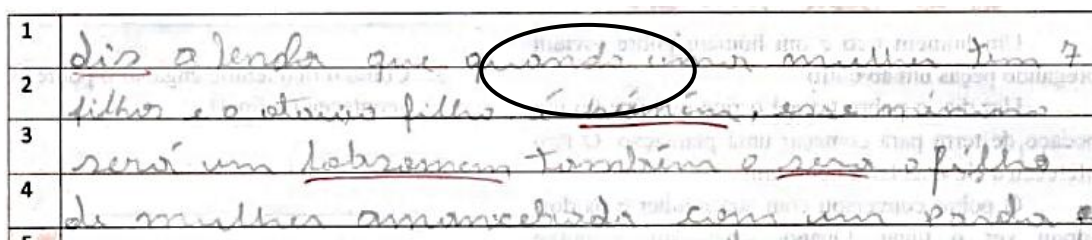
⁷ 106A1- "10" é a ordem alfabética na frequência. "6" é a série escolar, 6º Ano. "A" é a identificação da turma, 6º Ano A manhã. "F" é a identificação do sexo da aluna (feminino).

relacionam-se ao pouco domínio da escrita formal no contexto escolar, influenciando diretamente a forma como os falantes percebem e reproduzem os sons da língua.

Outro fenômeno bastante frequente nos textos dos alunos é o alteamento vocálico. Esse processo consiste na substituição de uma vogal média /o/ por uma vogal alta /u/ no vocábulo. Segundo Câmara Jr. (1999), a alteração no sistema vocálico pode ocorrer devido a manifestação do fenômeno de neutralização, isto é, a perda de um traço distintivo que reduz dois fonemas a uma única unidade fonológica. Esse processo é especialmente evidente em contextos de vogais átonas, nas quais o contraste entre vogais médias e altas tende a se enfraquecer.

A neutralização, nesse caso, torna os sons mais semelhantes, resultando no alteamento vocálico (Câmara Jr. 1999). Como observamos no recorte da Figura 5:

Figura 5 - Produção textual do 6º Ano do Ensino fundamental



Fonte: Aluno⁸: 36AM.

Observa-se, no recorte acima, que a forma padrão da palavra /homem/ apresenta o fonema vocálico /o/ na primeira sílaba, classificado como vogal média semifechada, o qual foi substituída pelo fonema /u/, vogal alta posterior. Isso resultou em uma representação silábica não convencional em relação à norma-padrão, mas coerente com a percepção auditiva do aluno, resultando na escrita [húmem]. Logo, o aluno não escreveu de forma aleatória ou simplesmente intuitiva; pelo contrário, buscou reproduzir graficamente aquilo que ouve.

Essa interferência mostra a necessidade de desenvolver a consciência fonêmica nos alunos, pois é perceptível um déficit nesse aspecto, visto que os alunos tendem a basear a grafia na oralidade. A ausência dessa consciência, principalmente quando se

⁸ 36A1- “3” é a ordem alfabética na frequência. “6” é a série escolar, 6º Ano. “A” é a identificação da turma, 6º Ano A manhã. “M” é a identificação do sexo do aluno (masculino).

trata em reconhecer que fonemas próximos podem ocupar posições e funções diferentes no sistema da língua, resulta nessas substituições fonológicas no texto, conforme aponta Moraes (2015).

Assim, os resultados confirmam que os desvios fonético-fonológicos não são aleatórios, mas previsíveis e relacionados à variação linguística. A discussão evidencia que o papel do professor não se limita apenas em corrigir, mas transformar esses traços em objeto de reflexão crítica, promovendo a consciência fonológica e valorizando a diversidade linguística.

CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa, buscou-se investigar os desvios fonéticos e fonológico nas produções textuais dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais, de uma escola de rede pública municipal de Cametá/PA, compreendendo-os como manifestação da variação linguística. O estudo preocupou-se em aprofundar os conhecimentos existentes acerca da distinção entre fala (som) e escrita (grafia) no contexto da norma-padrão. Para isso, foram identificados e analisados os desvios ortográficos de cunho fonético-fonológico na escrita dos alunos, com o intuito de contribuir para a valorização dos estudos nessa área, em especial no campo da variação linguística.

Com base nos resultados expostos na análise, conclui-se que os traços fonético e fonológico, bem como a arbitrariedade do sistema de escrita, constituem as principais motivações para a ocorrência de desvios ortográficos na escrita dos alunos. A investigação e a identificação desses aspectos revelam-se significativas para o alcance dos objetivos propostos neste estudo.

A pesquisa permitiu verificar os fenômenos fonológicos, dentre os quais se destacaram seis das dezesseis variantes identificadas, a saber: monotongação, apagamento do “r” em final de verbo no infinitivo, junção intervocabular, síncope, alteamento vocálico e apócope. Dessa forma, o estudo busca contribuir e oferecer subsídios teóricos para estudos voltados a essa temática.

Com base nos resultados obtidos a partir dos 26 alunos participantes da pesquisa, pertencentes a uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, foram analisadas

26 produções textuais, totalizando 155 desvios fonéticos e fonológicos. Constatou-se que, dos 154 desvios, 12,99% ocorreram por meio do fenômeno da monotongação. Essa ocorrência se deu com maior frequência pelo fato de os alunos, na sua pronúncia, suprimirem as semivogais, haja vista, que, na fala, não se destacam foneticamente, levando-as a apagá-las. Isso acarreta também, o pouco conhecimento da norma-padrão da ortográfico de Língua Portuguesa, justificando os desvios detectados na escrita.

Nas produções dos alunos, observou-se, como já mencionado, traços marcantes da fala, característicos da variação linguística. Por esse motivo, muitos alunos tendem a generalizar as correspondências entre a oralidade e escrita e acabam, escrevendo conforme falam. Nesse contexto, o contato do aluno com textos de diferentes gêneros e o uso de dicionários revelam-se fundamentais para o desenvolvimento do discernimento necessário a distinção entre grafia e som. A Língua Portuguesa não é uniforme; sua variação natural afeta diretamente a aquisição e uso da escrita formal.

Por isso, é fundamental que a escola direcione o ensino para a língua padrão ou culta de forma reflexiva e não meramente prescritiva. O ensino deve enfatizar o aspecto visual da escrita, por meio do uso de textos formais e dicionários, permitindo que o aluno identifique a grafia, o significado real das palavras e suas classificações gramaticais. Além disso, priorizar leitura oral contribui para que o aluno perceba que nem sempre o mesmo grafema corresponde ao mesmo som em diferentes vocábulos.

Embora este estudo tenha se concentrado na identificação e análise dos desvios fonético-fonológicos presentes na escrita dos alunos, acredita-se que futuras ações pedagógicas possam contribuir para minimizar tais dificuldades. Entre as possibilidades, destacamos a aplicação de intervenções voltadas para atividades metalinguísticas voltadas ao desenvolvimento da consciência fonológica, bem como a avaliação dos impactos dessas intervenções por meio da comparação entre produções textuais iniciais e finais. Tais estratégias, ainda não implementadas neste trabalho, configuram-se como sugestões para pesquisas futuras e para práticas docentes que busquem reduzir os desvios ortográficos relacionados à oralidade e a arbitrariedade da escrita.

Enfim, espera-se que este estudo subsidie a criação de métodos que permitam ao aluno compreender e refletir sobre a arbitrariedade do funcionamento do sistema

ortográfico da Língua Portuguesa, bem como sobre os aspectos fonéticos e fonológicos que ocorrem na língua. Acredita-se que essas estratégias serão fundamentais para contribuir na distinção entre fala /som (fonema) e letra/escrita (grafema) dentro da norma ortográfica.

Dessa forma, é importante aprimorar a formação dos professores, tanto das séries iniciais (alfabetizadores) finais quanto das séries finais, para que adquiram conhecimentos linguísticos fonéticos e fonológico, assim como sobre a variação linguística presente na língua. Dessa maneira, ele poderá compreender os desvios ortográficos nas produções textuais de seus alunos e conduzi-los a uma escrita coerente e adequada à norma-padrão.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Monique Vieira Amorim; DANTAS, Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto. O uso de jogos didáticos em situações de aprendizagem: análise fonológica com estudantes do terceiro ano do ensino fundamental. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, ano 26, n. 46, p. 130-156, jan./abr. 2021.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2012.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor de língua materna**: formação, identidade e prática. São Paulo: Parábola, 2005.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita**: como identificar, prevenir e remediar, numa abordagem fonológica. São Paulo: Memnon, 2000.

DIAS, J. A. F.; FERREIRA, É. P. Desvios na escrita: projeções fonético-fonológicas ou consequências do sistema ortográfico? *O ensino reflexivo da ortografia*. **Caderno de Letras**, n. 24, p. 169-180, jan./jun. 2015.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2015.

FIRTH, J. R. **Papers in linguistics 1934–1951**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMBERT, Jean Émile. Epi/meta versus implícito/explicito: nível de controle cognitivo sobre a leitura e sua aprendizagem. In: MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita**: contribuições à alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 19-44.

GOMES, M. **Consciência fonológica e alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORAIS, J. **A consciência fonológica e a aprendizagem da leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, A. L. R.; CARNEIRO, M. F. **Ensino de Língua Portuguesa: reflexões sobre a prática e os desafios do mundo contemporâneo**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.

HISTÓRICO

Submetido: 07 de Mar. de 2026.

Aprovado: 10 de Ago. de 2026.

Publicado: 05 de Set. de 2026.

Como citar o artigo:

FURTADO, Raquel Maria da Silva Costa; COSTA, Regiane Andrade da. A influência dos processos fonético-fonológicos na escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, V. 30, N. 63, 2026, eISSN: 2526-8449